International Journal of Advanced Engineering Research and Science (IJAERS)
Peer-Reviewed Journal
ISSN: 2349-6495(P) | 2456-1908(O)
Vol-9, Issue-9; Sep, 2022
Journal Home Page Available: https://ijaers.com/
Article DOI: https://dx.doi.org/10.22161/ijaers.99.33

The green fair as an instrument of autonomy for family farmers in agroecological transition in the municipality of Paripiranga-Ba, Brazil: A case study

A feira verde como instrumento de autonomia de agricultores familiares em transição agroecológica no município de Paripiranga-Ba, Brasil: Um estudo de caso

Carlos Allan Pereira dos Santos[1], Horasa Maria Lima da Silva Andrade[2], Luciano Pires de Andrade[3]

[1,2]Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil
[3]Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Received: 22 Aug 2022,

Received in revised form: 12 Sep 2022,

Accepted: 18 Sep 2022,

Available online: 22 Sep 2022

***Keywords*— Solidarity economy, Empowerment, Agroecological fairs, Agroecological transition.**

***Palavras-chave*— Economia solidária, Empoderamento, Feiras agroecológica, Transição agroecológica.**

***Abstract*— The agroecological transition process is complex and requires preparation of all involved, from the changes in the production system to the moment of commercialization. This moment is crucial for the socioeconomic development of the participating producers. Agroecological markets play an important role in the agroecological transition process and in the empowerment of farmers involved in this process. The objective of this paper is to reflect, based on a case study, about the role of the green fair as a socioeconomic development tool for family farmers in agroecological transition in the municipality of Paripiranga-Ba, Brasil. From the study developed, it was realized that there is a need for further studies with the participating producers, but it was already possible to realize that the green fair has enabled productive diversification in a region where grain monocultures predominate.*

***Resumo*— O processo de transição agroecológica é complexo e requer preparo de todos envolvidos desde as mudanças no sistema produtivo até o momento da comercialização. Este momento é crucial para o desenvolvimento socioeconômico dos produtores participantes. As feiras agroecológicas desempenham papel importante no processo de transição agroecológica e de empoderamento dos agricultores envolvidos neste processo. O objetivo deste texto é refletir, a partir de um estudo de caso, sobre o papel da feira verde ferramenta de desenvolvimento socioeconômico de agricultores familiares em transição agroecológica no município de Paripiranga-Ba, Brasil. A partir do estudo desenvolvido percebeu-se que há necessidade de aprofundamento dos estudos com os produtores participantes, mas já foi possível perceber que a feira verde possibilitou a diversificação produtiva em uma região onde predomina o monocultivo de grãos.*

I. INTRODUÇÃO

A modernização da agricultura, evidenciada após a Revolução Verde, com a utilização massiva de fertilizantes sintéticos e práticas de manejo focadas no aumento da produção associada às exigências de consumo, que determinam a uniformização das culturas, resultou em degradação química, física e biológica de solos, perda de biodiversidade e por consequência perda de identidade dos territórios resultou em implicações socioeconômicas das comunidades envolvidas nesse processo, em especial os Agricultores Familiares (Balestro & Sauer, 2013).

A crise sanitária instalada em função da pandemia da COVID-19, soma-se, portanto, às demais crises que já vínhamos enfrentando no mundo, produto de um modelo industrial e de consumo altamente destrutivo e com consequências sem precedentes para a humanidade e a natureza. A agroecologia se apresenta como sendo o caminho para enfrentar esse sistema que gera doenças, desigualdades, violências, iniquidades, exploração de toda sorte e mortes. A partir da Agroecologia, enquanto Ciência, podemos investir na construção de um conhecimento que promova uma visão crítica e transformadora, pautada no princípio holístico de respeito à natureza (Bezerra, Sousa & Barros, 2020).

Produzir alimentos seguindo os preceitos agroecológicos vai além de não usar defensivos químicos na lavoura, pois a produção agroecológica é um conjunto de processos que visam produzir alimentos de forma sustentável. A Agroecologia sugere alternativas de produção sustentáveis com vistas à sustentabilidade ambiental, num pressuposto que não há necessidade de degradar para produzir e sim produzir com base na conservação do agroecossistema, em substituição às práticas predadoras aplicadas na agricultura convencional capitalista, que segue os preceitos da Revolução Verde (Leff, 2002).

A agroecologia recentemente ganhou espaço, por se apresentar como alternativa para produção de alimentos associado a um desenvolvimento rural menos com foco no uso sustentável das terras e do meio ambiente, em oposição ao modelo agropecuário inscrito no paradigma da agricultura moderna pregado pela Revolução Verde, que se baseia em práticas predatórias resultando em sérios impactos ambientais e sociais nos territórios (Balestro & Sauer, 2013).

> A ascensão da agroecologia enquanto ciência acadêmica torna-se uma necessidade urgente para sustentar sua consolidação como modelo produtivo do campesinato. Para tanto há a necessidade de desenvolver no meio científico os saberes acumulados historicamente pela agricultura camponesa e, para isso, a agroecologia precisa se compor como ciência legítima e autônoma frente a agronomia tradicional. (Troilo & Araújo, 2020).

Entende-se que a partir dos princípios agroecológicos, há um potencial técnico-científico capaz de estimular transformações no campo e na produção agrícola, assegurando a segurança alimentar e potencializar a sustentabilidade socioambiental e econômica nos diferentes agroecossistemas orientados por ações de ensino, pesquisa e extensão rural. (Caporal, Paulos & Costabeber, 2009).

A Agroecologia é a associação dos saberes tradicionais dos agricultores, levando em consideração os processos culturais, com os conhecimentos científicos, buscando o estabelecimento de estratégias de promoção do desenvolvimento rural sustentável. Compreende também uma análise crítica do modelo de agricultura desenvolvimentista que foca em resultados e desenvolvimento desordenado. (Caporal & Azevedo, 2011).

> A agroecologia como ciência que valoriza o conhecimento tradicional na construção de modelo de produção agrícola sustentável tem como objeto também o empoderamento social do produtor e das comunidades agrícolas, a fim de que possam ser sujeitos ativos de suas próprias vidas e possam viver com dignidade e independência no campo, em harmonia com os recursos naturais e produzindo alimentos saudáveis. (Vanessa de Castro & Campos, 2020).

A agroecologia se mostra mais do que apenas a adoção de manejo sustentável dos recursos naturais, ela está articulada com as experiências dos produtores propondo uma produção heterogênea baseada nas culturas locais sendo um contraponto à agricultura convencional que utiliza os recursos de forma intensiva, voltada à produção e lucro. A agroecologia está fundamentada nas questões socioeconômicas dos produtores e nos aspectos ecológicos (Scheuer *et al.*, 2017).

> Além de ciência, a agroecologia é movimento, quando busca outros processos civilizatórios entre sociedade/natureza baseados nos povos e comunidades tradicionais e oprimidos. Assim, podemos dizer que toda produção agroecologia é orgânica, mas nem toda produção orgânica e agroecológica. A agroecologia é uma ferramenta importante para autonomia dos povos, construção de valores ambientais e busca por outros modelos civilizacionais. As experiências agroecológicas manifestam-se em diferentes tipologias territoriais como

> assentamentos de reforma agrária, quilombos, territórios indígenas etc (Costa *et al.*, 2021).

A agricultura convencional ao longo do último século se mostrou e tem se mostrado insustentável do ponto de vista socioambiental, o que abre espaço para o retorno de uma agricultura amparada nos saberes camponeses e práticas antes classificadas como atrasadas. Essa agricultura convencional é fruto da revolução verde que teve como base o uso excessivo de agrotóxicos e fertilizantes sintético, que por anos promoveu o esgotamento de solos e perda de biodiversidade (Rempel, Turatti & Dalmoro, 2021).

A Agenda 2030 da ONU engloba 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, os quais, por sua vez, listam 169 metas, todas orientadas a traçar uma visão universal, integrada e transformadora para um mundo melhor. Destes, o segundo objetivo visa acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável e este tem como uma das metas que até 2030, garantir sistemas sustentáveis de produção de alimentos e implementar práticas agrícolas resilientes, que aumentem a produtividade e a produção, que ajudem a manter os ecossistemas, que fortaleçam a capacidade de adaptação às alterações climáticas, às condições meteorológicas extremas, secas, inundações e outros desastres, e que melhorem progressivamente a qualidade da terra e do solo (ONU, 2017).

A agroecologia por proporcionar aos agricultores independência do sistema capitalista de produção e alimentos se apresenta como ferramenta de empoderamento socioeconômica dos mesmo que estão em processo de transição da agricultura convencional para uma agricultura agroecológica promotora do desenvolvimento sustentável, sendo, portanto, uma ferramenta para se concretizar os Objetivos de Desenvolvimentos Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas (Vanessa de Castro & Campos, 2020).

> Fundada em experiências produtivas da agricultura ecológica e apoiada em horizontalidades, construídas por sujeitos que produzem alimentos, mas que se empenham também em valorizar toda forma de vida ao longo do processo produtivo, a agroecologia insere-se especialmente em circuitos curtos da economia, onde procura firmar-se em teias que articulam campo e cidade na construção da soberania alimentar (Pertile, 2021).

Este modelo de produção concilia produção agrícola com conservação dos recursos naturais e fortalecimento da agricultura, porém é um processo complexo baseado na sinergia entre diferentes saberes, aplicando técnicas que valorizam o saber local com foco no fortalecimento da agricultura camponesa. A esse processo se nomina de transição agroecológica e busca a construção de novas práticas socioprodutivas que tenham como premissa a valorização de estratégias de desenvolvimento de agricultura sustentável (Piraux *et al.*, 2012).

Apesar da transição agroecológica ter como foco a valorização da cultura local, ela não pode ser entendida como um retrocesso ao passado, mas um caminho no sentido da construção do desenvolvimento sustentável, onde é levada em consideração todas as experiência, sejam positivas ou danosas à sociedade e ao meio ambiente, utilizando-as como ponto de partida para a construção de um futuro sustentável (Marin, 2009).

> A transição agroecológica refere-se a um processo gradual de mudança na forma de manejo do agroecossistema, que envolve a passagem de um modelo agroquímico de produção, de alta dependência de insumos externos (fertilizantes e agrotóxicos) para outro modelo de agricultura que incorpore princípios, métodos e tecnologias de base ecológica. As mudanças podem ocorrer em vários níveis: começando pela redução no uso de insumos convencionais; passando para a substituição de práticas e insumos convencionais por técnicas e insumos alternativos; e por fim, pela remodelagem de toda a propriedade conforme os princípios agroecológicos, com elevado aproveitamento dos processos naturais e interações ecológicas (Michereff Filho *et al.*, 2013).

Os alimentos oriundos da produção agroecológica, apesar das reconhecidas vantagens tanto para o agroecossistema como para os consumidores, ainda tem um marketing muito inferior quando comparados à agricultura convencional, fato que em alguns casos dificulta sua comercialização. As feiras agroecológicas apresentam a vantagem de estabelecerem a conexão entre agricultores e consumidores, proporcionando a partir deste contato, o diálogo a respeito tanto da origem desses alimentos como do modo de vida dos produtores (Pinha & Almeida, 2018).

Mais do que instrumento de independência de intermediários, as feiras agroecológicas podem se constituir como uma ferramenta de protagonismo e empoderamento de agricultores familiares, uma vez que a não existência dos intermediários faz com que os próprios agricultores lidem com etapas de planejamento de produção, precificação e marketing. Além disso, proporciona aos mesmos a adoção de práticas de produção agroecológicas, ou seja, uma produção que prioriza o

respeito à natureza, não praticando ações que degradem o solo, água ou ar.

> A agroecologia e a economia solidária se apresentam com mais força como alternativas realizáveis por parte dos sujeitos do campo e da cidade. Guardadas algumas diferenças em relação à dimensão organizativa desses sujeitos, ambos os movimentos se comunicam em boa parte das práticas, principalmente no que se refere aos processos de construção de mercados agroecológicos e solidários e às estratégias de garantir o Direito Humano à Alimentação de indivíduos e comunidades, tanto no campo como na cidade (Dubeux & Batista, 2017).

Os atores envolvidos nestes empreendimentos solidários visam não apenas uma oportunidade de negócio mas também e principalmente, um propósito a ser perseguido, que passa por uma modificação do modo de pensar e fazer agricultura, visando a produção de alimentos saudáveis a partir de práticas sustentáveis que geram impactos positivos social e ambientalmente (Nascimento *et al.*, 2018).

As feiras agroecológicas representam a iniciativa de estruturação de arranjos sociais com vistas à produção baseada nos princípios agroecológicos associado com a autonomia na comercialização, uma vez que nestas, a articulação com atravessadores é eliminada, fortalecendo assim o produtor familiar. Entretanto, não há um enquadramento institucional, formal e com controle, para que estas sejam consideradas orgânica. Na prática, as denominações "agroecológica" e "orgânica" são dadas pelos atores que lideram a criação da feira – e tais fundadores podem ser órgãos ou grupo de entidades, grupo de produtores, a até mesmo pessoas físicas (Araújo; Lima & Macambira, 2015).

As feiras agroecológicas se constituem em uma das modalidades dos circuitos curtos de comercialização da Agricultura Familiar, principalmente para aqueles que estão em processo de transição agroecológica, já que estes necessitam de um espaço para comercializar seus produtos. Estas normalmente ocorrem em espaços públicos e com periodicidade. Caracterizam-se pela venda direta dos produtos gerados pela Agricultura Familiar aos consumidores, sem percorrer as cadeias produtivas da agroindústria convencional, ligadas à produção, manejo, processamento e distribuição dos alimentos nos grandes mercados consumidores. Esse fluxo direto faz com que os agricultores em transição não dependam de atravessadores para comercializar seus produtos e assim gerando renda e independência para estes (Caminhas, 2022).

Na sua maioria, os produtos comercializados nas feiras agroecológicas são oriundos de quintais produtivos, fato que otimiza a produção uma vez que não há grandes deslocamentos entre a residência e a unidade produtiva.

Os quintais são espaços adjacentes aos domicílios rurais onde as mesmas buscam sincronizar e expressar sentimentos e desejos de conforto ambiental, além de espaços da oferta de alimentos, paisagismos, estoque de material genético de origem vegetal e animal, com o alicerce do princípio da agrobiodiversidade, qual consistem da combinação de espécies agrícolas, medicinais, ornamentais e florestais, às vezes, integrado a criação de animais (Gomes, 2017).

A produção agroecológica brasileira é dominada pelas mulheres no campo e esse domínio é visualizado também nos processos de comercialização destes produtos, inclusive nas feiras agroecológicas. Esse movimento demonstra a força e empoderamento feminino no campo (Caminhas, 2022).

O debate a respeito do protagonismo da mulher rural se intensificou nos últimos anos a partir do reconhecimento por parte dos movimentos sociais, das mesmas como atrizes fundamentais na defesa da alimentação familiar assim como na preservação das práticas tradicionais (Strate & Costa, 2018).

Ainda que o papel das mulheres na agricultura de base agroecológica e na construção da sustentabilidade tenha ganhado destaque nos últimos anos, a discussão a respeito deste ainda é superficial (Santos *et al.*, 2020). A participação da mulher nos processos agroecológicos vai além da condição de cuidadora, compreende suas relações com a natureza e desenvolvimento social, para que exista consciência da necessária igualdade entre gêneros e, também, de respeito à natureza, em sua forma singular de preservação da vida e do sustento da humanidade. A partir desta discussão é necessário que haja a quebra da ideia do patriarcado que ainda é dominante no campo e tende a inferiorizar o papel feminino no mesmo. que inferioriza a participação feminina (Maciel 2015).

O objetivo deste texto é caracterizar e refletir sobre o papel da feira verde ferramenta de desenvolvimento socioeconômico de agricultores familiares em transição agroecológica no município de Paripiranga-Ba.

II. MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi desenvolvido no município de Paripiranga (Fig. 1), situado na região nordeste da Bahia, caracterizado por fazer parte do polígono das secas. De acordo com a classificação de Köppen, o clima do município é Aw, considerado como tropical, havendo um maior volume

pluviométrico durante o verão e menor no inverno. A estação quente permanece por 5,6 meses, de outubro a abril, com temperatura máxima média diária acima de 32 °C. O mês mais quente do ano em Paripiranga é janeiro, com a máxima de 33 °C e mínima de 21 °C, em média., com pluviosidade média anual em torno de 900 mm. A região é conhecida por sua vocação para a produção agrícola de grãos.

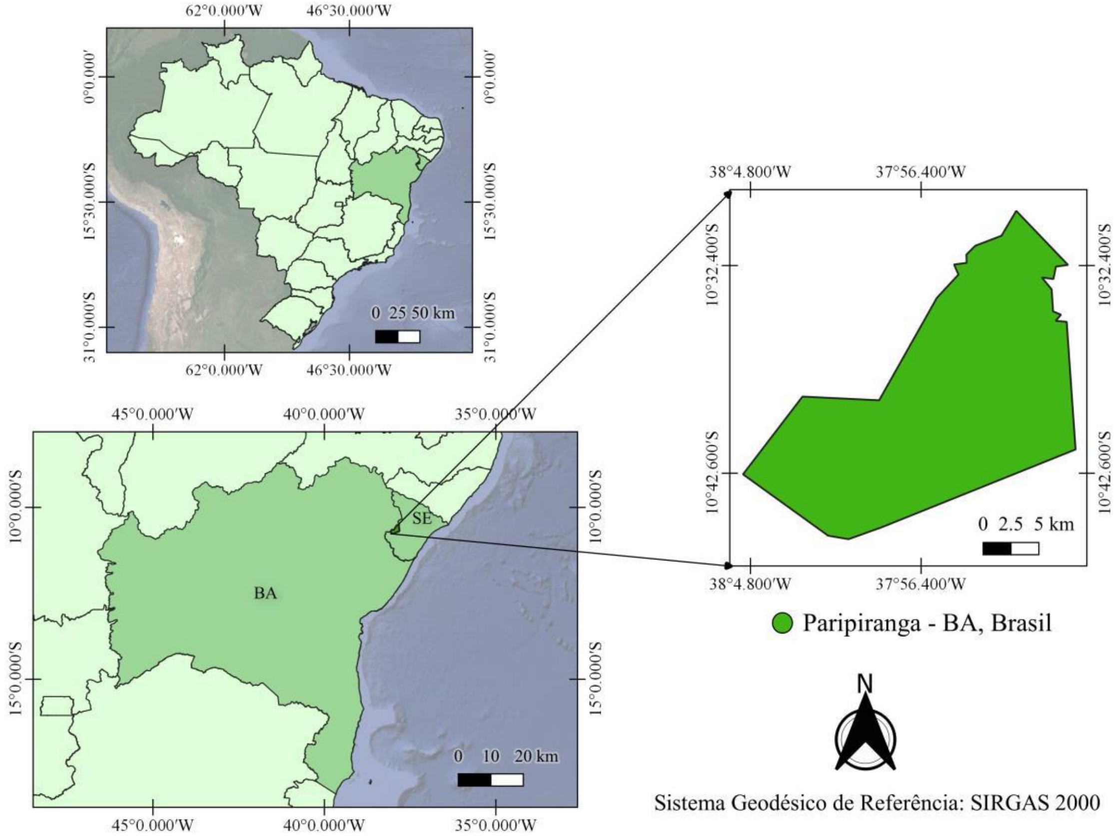


Fig. 1: Mapa de localização do município de Paripiranga-Ba, Brasil.

Participaram da pesquisa todos os integrantes da feira verde, num total de 30 agricultores familiares, inseridos em 10 povoados do entorno da sede municipal que compunham a feira agroecológica, denominada como “Feira Verde” do município. Estes produtores foram selecionados para participarem da feira por estarem em processo de transição agroecológica e eram acompanhados pelos técnicos da secretaria e por um grupo de extensão composto docentes e discentes do curso de Engenharia Agronômica do Centro Universitário Ages, com sede no município.

A feira verde é um mecanismo de comercialização de produtos de agricultores familiares em transição agroecológica, idealizada pelo colegiado de Engenharia Agronômica do Centro Universitário Ages em conjunto com a Secretaria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente de Paripiranga. A feira é organizada e mantida pela secretaria e ocorre semanalmente podendo ser considerada como uma ferramenta não apenas de comercialização, mas também de socialização entre os participantes e exposição cultural.

A metodologia adotada para coletar os dados que subsidiam o presente texto foi estudo de caso com agricultores do município de Paripiranga(BA), por meio do qual os mesmo foram obtidos através de observação não participativa. Estes eram produtores participantes regulares da feira verde de modo a nos permitir realizar um diagnóstico dos produtos comercializados por eles. Esta metodologia consiste de uma investigação empírica que pesquisa fenômenos dentro do seu contexto real, no qual o pesquisador não tem controle sobre eventos e variáveis e busca apreender a totalidade de uma situação, descrevendo, compreendendo e interpretando a complexidade de um caso concreto (Martins, 2008).

Como instrumento de coleta das informações foi adotada a observação participativa, por proporcionar uma relação de confiança entre os participantes da pesquisa a e o pesquisador, possibilitando assim a melhor captação das relações que fazem parte do cotidiano dos trabalhos e que só podem ser observadas na realidade em que acontecem. Utilizou-se também como ferramenta de coleta de dados a entrevista com a finalidade de se obter dados referentes à diversidade de produtos comercializados. Após finalização da etapa de coleta, os dados foram tabulados e tratados para posterior discussão dos resultados.

A pesquisa é classificada como aplicada, de acordo com Silva e Menezes (2005) este tipo de pesquisa tem como objetivo gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais. Quanto a abordagem é classificada como qualitativa.

Para Pinheiro *et al.* (2005), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por um estudo analítico, não necessariamente estatístico, cujo propósito é identificar e analisar com maior grau de profundidade dados e informações não mensuráveis, sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos passados, expectativas futuras, experiências, vivências. Para esse objeto de estudo, a pesquisa qualitativa se propõe a entender, interpretar motivos e significados de um grupo de pessoas em relação a uma questão especificamente determinada. No que diz respeito aos objetivos a pesquisa é classificada como exploratória.

A pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com intuito de torna-lo explícito ou de construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. (Matias-Pereira, 2016).

III. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a investigação, três agricultores se desligaram da feira alegando dificuldades para se manter no processo. Foi possível constatar a comercialização de aproximadamente de 35 produtos entre frutas da estação, hortaliças, ovos, doces artesanais, comidas típicas, plantas ornamentais e laticínios, apresentando toda a diversidade produtiva dos participantes, demonstrando uma grande diversidade de produtos (Fig. 2), sendo todos típicos da região e produzidos de maneira sustentável, seguindo os princípios da agroecologia. Ao se considerar que o município é caracterizado pela produção em monocultivo do milho para produção de grãos com a finalidade de alimentar a cadeia do agronegócio, a diversidade encontrada na feira é vista de maneira positiva uma vez que toda a produção é advinda de áreas produtivas do município, o que demonstra a força e resistência da agroecologia.



Fig. 2: A feira e sua diversidade.

A produção agroecológica tem como princípios como respeito e adequação da comercialização em relação a entressafra, sazonalidade de produção, variedades locais e ou regionais etc., ao contrário das grandes redes de varejo e o comércio convencional. Nas feiras agroecológicas são demonstrados a diversidade cultural da agricultura familiar e promovem a autonomia na comercialização e a venda direta aos consumidores, contribuindo de forma significativa para estimular mudanças internas nos sistemas produtivos, favorecendo o processo de conversão de agricultores familiares convencionais para a produção orgânica (Wergues & Simon, 2007).

> A adoção do sistema produtivo da agricultura agroecológica merece destaque, pois se trata de uma das estratégias da agricultura familiar para a manutenção do espaço rural, sendo compreendido como espaço físico e também de particularidades como identidade e modo de viver no campo (Leal *et al.*, 2020).

A diversidade de produtos comercializados na feira reflete exatamente o que ocorre nas unidades de produção que no caso dos produtores em questão se caracterizam por serem quintais produtivos. Estes espaços têm como característica principal a diversificação da produção, onde num pequeno espaço o produtor é capaz de desenvolver diversos cultivos possibilitando um incremento de renda pois não depende apenas de uma cultura para comercialização (Fig. 3).

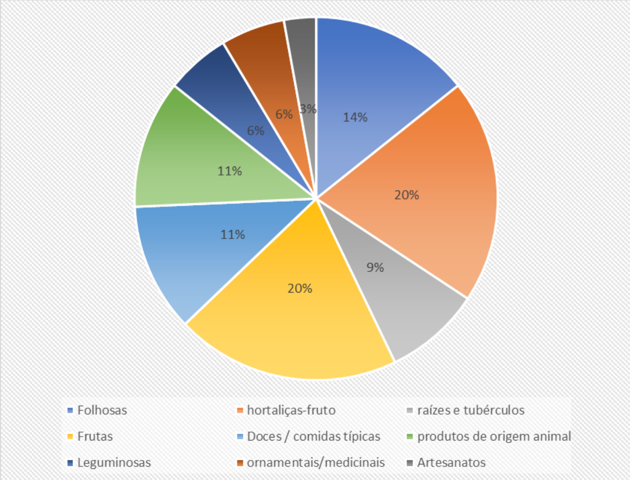


Fig. 3: Participação dos produtos na comercialização na feira agroecológica.

A diversidade de produtos na feira está relacionada diretamente com a dinâmica dos quintais produtivos, nos quais estes são produzidos. Nestes há uma multiplicidade de culturas sendo desenvolvidas, fato que os tornam sustentáveis. Tradicionalmente dominados pelas mulheres, estes espaços são característicos por apresentarem cultivos de fruteiras e hortaliças, além da criação de pequenos animais de produção (Santos & Brito, 2018).

A pluriatividade é uma característica recorrente entre os produtores familiares que participaram da feira verde, proporcionando diferentes fontes de renda, uma vez que além da diversidade produtiva há o incremento com os produtos não agrícolas como artesanatos, doces e comidas típicas. Esse fato resulta em ganho não só econômico, mas também social. A pluriatividade tem funcionado não somente como um fator positivo, mas também contribuído para a desclassificação de expressiva parcela das famílias de trabalhadores por conta própria da condição do que é legalmente considerado por "agricultura familiar" (Nascimento; Aquino & Delgrossi, 2021).

> A pluriatividade serve, ainda, para mostrar a transição da própria função da agricultura que, além de produzir alimentos e gerar emprego, favorecendo o processo de acumulação de capital, se apresenta hoje como um setor plurifuncional, que não deve ser analisado apenas pela sua eficiência produtiva, mas também pela sua contribuição na preservação ambiental e na própria dinamização do espaço rural (Mattei, 2007).

A participação massiva de mulheres na constituição da feira foi outro fato identificado no trabalho, demonstrando assim o seu potencial como forma de empoderamento da mulher agricultura (Figura 04) fato que coloca em evidência o protagonismo feminino no campo.

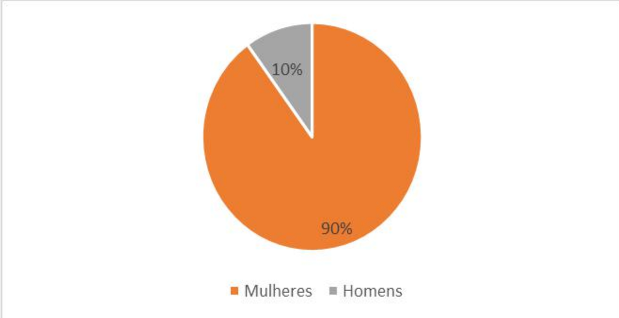


Fig. 4: Participação dos produtores por gênero.

A participação do gênero feminino nas feiras agroecológicas provoca a fidelização dos consumidores, assim como a associação entre os conceitos : qualidade de vida e alimentos saudáveis. A correlação destes conceitos com a participação das mulheres nas atividades de comercialização, distribuição e produção de alimentos agroecológicos e artesanais ligados à Economia Criativa, fazem das feiras um sucesso sociocultural e econômico. (Gomes *et al*., 2016).

Silva (2016) em seu trabalho, observou que a participação feminina nas atividades desenvolvidas seguindo os preceitos da agroecologia, sendo possível constatar que estas exercem papel protagonista nos processos, compreendendo que os mesmos contribuem diretamente para autonomia dos envolvidos além de contribuir para o desenvolvimento da comunidade e do meio ambiente.

As mulheres rurais no Brasil possuem histórica trajetória de lutas para conquistar o seu espaço e reconhecimento devidos. Estas resultaram na reivindicação por renda e o questionamento do homem como único representante da família, demandando a participação ativa das mulheres nos processos de produção e comercialização (Strate & Costa, 2018).

> A discussão sobre as questões de gênero vem ganhando espaço na agroecologia, tendo sido afirmada como uma das diretrizes da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO), lançada pelo Governo Federal em agosto de 2012, contribuindo para a redução das desigualdades de gênero por meio de ações e programas que possivelmente aumentem a autonomia econômica das mulheres (Leal *et al.*, 2020).

Os resultados observados ratificam a teoria que a feira verde é mais que um dispositivo de comercialização, se apresentando como meio de socialização entre os participantes, onde as trocas culturais são frequentes e a

participação feminina se caracteriza como dominante entre os agricultores participantes da mesma. Radünz *et al.* (2021) em seu estudo observaram que as feiras agroecológicas se mostram como ferramenta de envolvimento dos atores sociais e da comunidade, evidenciando a construção de um conhecimento coletivo e emancipador.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira verde se apresentou não apenas como uma alternativa para comercialização dos produtos oriundos de áreas em transição agroecológica, mas também e talvez principalmente ela foi um instrumento de incentivo a adesão à transição agroecológica e instrumento de empoderamento dos produtores que optaram por ir contra ao sistema e num município onde o agronegócio do milho tem toda a força e incentivos, escolheram produzir alimentos de forma sustentável, valorizando a especificidade do território e cultura local.

A feira pode ser considerada um instrumento de resistência não só para os produtores mas também para o território, uma vez que os atores envolvidos neste processo apresentam uma consciência de manutenção das características locais e preservação do agroecossistema, valorizando as espécies presentes, trabalhando e planejando em função das dinâmicas naturais.

Apesar dos resultados encontrados indicarem que a feira verde possibilitou que os agricultores participantes comercializassem sua produção oriunda de áreas em transição agroecológica de forma direta aos consumidores, entende-se que há necessidade de trabalhos mais aprofundados para comprovar seu real papel como ferramenta de empoderamento deste grupo estudado. É notório que por meio desta, os quintais produtivos se tornaram mais do que um espaço para produção de subsistência, mas sim uma área de produção que possibilitou incremento na renda familiar. Assim é possível concluir que houve indícios que a feira verde funcionou como ferramenta que deu início ao processo de empoderamento dos seus participantes. .

REFERENCES

[1] Araújo, T. P., Lima, R. A., & Macambira, J. (2015). Feiras agroecológicas: institucionalidade, organização e importância para a composição da renda do agricultor familiar. *Fortaleza: Instituto de Desenvolvimento do trabalho: núcleo de economia solidária da Universidade Federal de Pernambuco*, *280*. Perfect, T. J., & Schwartz, B. L. (Eds.) (2002). Applied metacognition Retrieved from http://www.questia.com/read/107598848

[2] Balestro, M. V., & Sauer, S. (2013). A diversidade no rural, transição agroecológica e caminhos para a superação da Revolução Verde: introduzindo o debate. *Agroecologia e os desafios da Transição Agroecológica*, 2, 7-15.

[3] Bezerra, I., da Paixão Sousa, R., & Barros, F. B. (2020). A pandemia da covid-19 e seus efeitos Ã saÃºde e ao ambiente: a agroecologia como caminho. *Revista Brasileira de Agroecologia*, *15*(4), 3-3.Blue, L. (2008, March 12).Is our happiness preordained? [Online exclusive]. Time. Retrieved from http://www.time.com/time/health

[4] Caminhas, A. M. T. (2022). As Feiras Agroecológicas, a Segurança Alimentar e o Protagonismo Feminino nos Quintais Produtivos da Agricultura Familiar: A Contribuição para a Prática da Agenda 2030. *Brazilian Journal of Development*, *8*(1), 4184-4200.

[5] Caporal, F. R., & Azevedo, E. O. D. (2011). Princípios e perspectivas da agroecologia. *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná-Educação à Distância*.

[6] Caporal, F. R., Paulus, G., & Castobeber, J. A. (2009). Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade.

[7] Costa, A. D., dos Santos, J. S., de Oliveira, R. D., & Folhes, R. T. (2021). A ATUAÇÃO DOS QUINTAIS PRODUTIVOS COMO R-EXISTÊNCIAS TERRITORIAIS. *Revista Tocantinense de Geografia*, *10*(22), 181-201.

[8] Dubeux, A., & Batista, M. P. (2017). Agroecologia e economia solidária: um diálogo necessário à consolidação do direito à soberania e segurança alimentar e nutricional. *REDES: Revista do Desenvolvimento Regional*, *22*(2), 227-249.

[9] Gomes, F. L. (2017). Quintais produtivos e resiliência alimentar nos espaços da reforma agrária. *Revista Craibeiras de Agroecologia*, *1*(1).

[10] Leal, L., Filipak, A., Duval, H., Ferraz, J. M., & Ferrante, V. L. (2020). Quintais produtivos como espaços da agroecologia desenvolvidos por mulheres rurais. *Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade*, *7*(14), 31-54.

[11] Leff, E. (2002). Agroecologia e saber ambiental. *Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável*, *3*(1), 36-51.

[12] Maciel, L. B. O EMPODERAMENTO DA MULHER NO CONTEXTO AGROECOLÓGICO.

[13] Marin, J. O. B. (2009). Agricultores familiares e os desafios da transição agroecológica. *Revista UFG*, 11(7), 38-45.

[14] Martins, G. D. A. (2008). Estudo de caso. *São Paulo: Atlas*.

[15] Mattei, L. (2007). A relevância da família como unidade de análise nos estudos sobre pluriatividade. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, *45*, 1055-1073.

[16] Matias-Pereira, J. (2016). *Manual de metodologia da pesquisa científica*. Grupo Gen-Atlas.

[17] Michereff Filho, M., Resende, F. V., Vidal, M. C., Guimaraes, J. A., de Moura, A. P., da SILVA, P. S., & Reyes, C. P. (2013). *Manejo de pragas em hortaliças durante a transição agroecológica*.

[18] Nascimento, D. V. C., Silva, J. A., de Rezende Pinto, M., & Mesquita, M. C. (2018). Quando o orgânico se torna

"rótulo": discussões críticas sobre consumo e Agroecologia a partir de um empreendimento de Economia Solidária: When organic food becomes a" label": critical discussions about consumption and agroecology in a solidarity economy enterprise. *Estudos Sociedade e Agricultura*, *26*(3), 608-629.
[19] O.N.U. Organização das Nações Unidas. (2017). Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. https://brasil.un.org/pt-br/sdgs
[20] Pertile, N. (2021). Agroecologia e ODS. Possibilidades em construção na Bahia (Brasil). *de la crisis política*, 91.
[21] Pinha, G. A., & Almeida, R. A. (2018). A contribuição das feiras agroecológicas na UFMS/campus II e no condomínio Don El Chall para a soberania alimentar em Três Lagoas/MS. *Revista Entre-Lugar*, *9*(17), 118-135.
[22] Piraux, M., Silveira, L., Diniz, P., & Duque, G. (2012). Transição agroecológica e inovação socioterritorial. *Estudos Sociedade e Agricultura*.
[23] Radünz, A. L., Gilson, Í. K., de Vargas Lucas, R. R., Tonin, S. T., Andrioli, A. I., Radünz, M., ... & Burg, I. C. (2021). Feiras Agroecológicas e de Economia Solidária da UFFS: um relato de caso sobre o município de Chapecó/SC. *Revista Thema*, *19*(2), 450-455.
[24] Rempel, C., Turatti, L., & Dalmoro, M. (2021). Desafios da sustentabilidade. Ed. Univates
[25] Vanessa de Castro, R. O. S. A., & de Souza CAMPOS, G. (2020). A AGROECOLOGIA COMO MECANISMO DE EFETIVAÇÃO DOS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Franca*, *15*(1), 321-340.
[26] de Jesus SANTOS, C., de Arimatéia SILVA, J., & de Souza AMARAL, L. (2020). Protagonismo feminino na Agroecologia: estudo de caso em São Miguel do GOSTOSO/RN. *Cadernos de Agroecologia*, *15*(3).
[27] Santos, V. P., & de Brito, F. P. MULHERES E QUINTAIS PRODUTIVOS: DESAFIOS E ALTERNATIVAS DO USO DA ÁGUA PARA O CULTIVO DE ALIMENTOS. *Anais do VI e VII Seminários Bem Viver Indígena*, 133.
[28] Scheuer, J. M., da Silva Neves, S. M. A., dos Santos Galvanin, E. A., & de Moura, A. P. (2017). Estrutura produtiva e a agroecologia: um estudo de caso na associação dos pequenos produtores da região do Alto Sant'Ana, Mato Grosso. *Revista Geográfica Acadêmica*, *11*(2), 50-66.
[29] Silva, F. R. F. (2016). Gênero, agroecologia e economia solidária: estudo de caso do grupo de mulheres do Acampamento Recanto da Natureza em Laranjeiras do Sul–PR. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, *39*.
[30] Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. *UFSC, Florianópolis, 4a. edição*, *123*.
[31] Strate, M. F., & da Costa, S. M. (2018). Quintais produtivos: contribuição à segurança alimentar e ao desenvolvimento sustentável das mulheres rurais no RS–Brasil. *Brazilian Journal of Development*, *4*(7), 3732-3744.
[32] Troilo, G., & de Araújo, M. N. R. (2020). A EDUCAÇÃO EM AGROECOLOGIA E AS DISPUTAS DE CLASSE NO ENSINO SUPERIOR: ESTUDO DE CASO DE FORMAÇÕES PIONEIRAS INSTITUÍDAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS/Education in agroecology and class disputes in higher education: a case study of pioneer training instituted in Brazilian public universities/Educación en agroecología y disputas de clase en educación superior: un estudio de caso de capacitación pionera instituida en universidades públicas brasileñas. *REVISTA NERA*, (55), 294-321.
[33] Wuerges, E. W., & Simon, Á. A. (2007). Feiras-Livres como uma forma de popularizar a produÃ § Ã£ oeo consumo de hortifrutigranjeiros produzidos com base na agroecologia. *Revista Brasileira de Agroecologia*, *2*(2).
[34] Yin, R. K. (2015). *Estudo de Caso-: Planejamento e métodos*. Bookman editora.